

A BUROCRACIA HUMANA EM DOUGLAS ADAMS

CASSIANO CALEGARI¹

SALETE ORO BOFF²

RESUMO: Embora já tenham se passado mais de 500 anos do abandono da visão geocêntrica, o homem possui uma tendência quase instintiva de se posicionar como o centro do universo, não se tratando o antropocentrismo apenas a superioridade do homem em relação às outras espécies, mas deste constituir o único tópico relevante em todo o cosmos. Esta vaidade exacerbada reflete-se nos procedimentos burocráticos que ordenam a vida em sociedade, demasiadamente complexos e impeditivos tornam-se o fim e não mais o meio para se atingir a tutela jurídica almejada. Este procedimento acaba, muitas vezes, se tornando mais complexo que a realização de seu objeto, como se todo o universo girasse em torno do procedimento. A série de livros *O guia do mochileiro das galáxias* traz uma mudança na perspectiva humana pelo olhar externo em que a Terra (e a humanidade) é, conforme o título de seu último livro, “praticamente inofensiva” em um universo vasto que não se importa com estes “probleminhas” humanos, mas com objetivos mais relevantes. Ao modificar o referencial do observador que avalia as interações jurídicas evidencia-se a ineficácia dos sistemas jurídicos e a inversão de valores ocorrida ao se primar pelo procedimento e não pelo fim pretendido. O método utilizado para tanto é o dedutivo e a técnica de pesquisa é a bibliográfica.

PALAVRAS CHAVE: burocracia; Douglas Adams; literatura; *O guia do mochileiro das galáxias*.

1 INTRODUÇÃO

Dentre as relações interdisciplinares do Direito destaca-se a análise da literatura sob uma ótica jurídica, constituindo esta em uma forma de aprimorar a análise dos mecanismos e relações legais, trazendo uma nova ótica sobre as normas e a filosofia

¹ Advogado, mestrando em direito pela Faculdade Meridional – IMED. Linha de Pesquisa: Fundamentos Normativos da Democracia e da Sustentabilidade. Grupo de Pesquisa: Direito e Desenvolvimento.

² Pós-Doutora em Direito-UFSC. Professora do PPG Mestrado em Direito da IMED.

jurídica. Ao se analisar casos literários é possível tanto compreender de uma forma mais completa a abrangência da norma, quanto explorar, de forma preemptiva, hipóteses ainda desconhecidas ao jurista, expandindo o escopo do direito para além da mera análise do caso presente.

Nesta intersecção entre o direito (real) e a literatura (no momento ficção) o presente trabalho estudará a burocracia sob a ótica de Douglas Adams em sua coleção de livros *O guia do mochileiro das galáxias (The Hitchhiker's Guide to the Galaxy)*, com um enfoque, mas não limitado, nos dois primeiros livros da série: *O guia do mochileiro das galáxias* e *O restaurante no fim do universo*.

Ao se estudar a burocracia da galáxia fictícia de Douglas Adams, em especial aquela praticada pela raça dos “Vógons”, pretende-se compreender, através de uma perspectiva extrapolada da realidade, o funcionamento e os erros cometidos ao se implementar indevidamente processos burocráticos e os perigos da burocracia exagerada.

2 A BUROCRACIA, O UNIVERSO E TUDO MAIS

Nas obras de Douglas Adams o universo é representado a partir de uma perspectiva em que a galáxia é habitada por diversas raças alienígenas socialmente ativas, com relacionamentos políticos e comerciais complexos. Cada uma dessas raças alienígenas tende a representar um aspecto da humanidade, como uma visão exagerada de uma característica ou estereótipo humano.

Neste universo a raça humana nunca saiu de seu planeta, a Terra, constituindo uma espécie tão “sem graça” que sequer atraiu a atenção de outras raças alienígenas, que estariam mais preocupadas em fazer coisas mais importantes que manter contato com a vida terráquea. Esta visão é representada pelo verbete que ilustra a Terra no Guia do mochileiro das galáxias, uma grande enciclopédia que compila informações de todos os seres e raças da galáxia: “Inofensiva”, que posteriormente é atualizado para: “Praticamente Inofensiva”.

Douglas Adams parte ao extremo oposto do narcisismo humano, retratando a humanidade como seres insignificantes e deslocados em um universo complexo e ordenado, onde cada espécie possui seu papel, desde uma raça de cozinheiros (“Dentrassis”) até uma raça de colchões, cultivados nos pântanos de Sqornshel-lous Zeta.

A burocracia é, como todo o resto, exagerada a níveis galácticos. Pode-se observar a perspectiva do guia sobre o que constitui a burocracia no diálogo inicial da obra, em que a casa de um dos protagonistas, Arthur Dent, um humano que reside na Inglaterra, esta para ser destruída pela prefeitura de seu município para a construção de um novo desvio:

— Mas, Sr. Dent, o projeto estava à sua disposição na Secretaria de Obras há nove meses.

— Pois é. Assim que eu soube fui lá me informar, ontem à tarde. Vocês não se esforçaram muito para divulgar o projeto, não é verdade? Quer dizer, não chegaram a comunicar às pessoas nem nada.

— Mas o projeto estava em exposição...

— Em exposição? Tive que descer ao porão pra encontrar o projeto.

— É no porão que os projetos ficam em exposição.

— Com uma lanterna.

— Ah, provavelmente estava faltando luz.

— Faltavam as escadas, também.

— Mas, afinal, o senhor encontrou o projeto, não foi?

Encontrei, sim — disse Arthur. — Estava em exibição no fundo de um arquivo trancado, jogado num banheiro fora de uso, cuja porta tinha a placa: Cuidado com o leopardo³.

Percebe-se o quão exageradamente o autor ressalta a ineficácia da publicidade e as limitações da burocracia exagerada, criticando a incapacidade da informação atingir a parte interessada na realização do procedimento. Neste diálogo é possível observar os entraves burocráticos desnecessários, representados pela ausência de uma escada, iluminação, posicionamento inadequado do departamento e, para finalizar a representação satírica, a placa “cuidado com o leopardo”.

Mr. Prosser é o funcionário público com quem Arthur Dent argumenta. Prosser é um humano comum, com 40 anos, gordo e desleixado. Seu único traço notável é ser um

³ ADAMS, D. *O Guia do mochileiro das galáxias*. [S.l.]: Editora Arqueiro Ltda, 2010.

descendente direto da linhagem masculina de Gengis Khan, o que se manifestava em sua irritação constante e eventuais sonhos com cavaleiros e vilarejos em chamas.

A imagem de Prosser como descendente do líder Mongol é utilizada para retratar a supressão da natureza do homem pelo procedimento. Enquanto Prosser argumenta com Arthur, que tenta evitar a destruição de sua casa, passa a ter visões da casa queimando destruída, mas não as concretiza da maneira almejada em função de sua covardia.

Este evento se desdobra com a destruição da Terra por uma raça extraterrestre, os Vógons, para a construção de uma nova via expressa hiperespacial, construindo uma decorrência lógica direta em que, se é possível a destruição da casa de uma pessoa (Arthur Dent) para a construção de uma estrada em prol do bem comum da cidade, da mesma forma seria justificável a destruição do planeta Terra para o mesmo motivo, em prol do bem comum da galáxia. Deste evento decorre o diálogo:

— Povo da Terra, atenção, por favor — disse uma voz, e foi maravilhoso. Som quadrafônico perfeito, com níveis de distorção tão baixos que o mais corajoso dos homens não conseguiria conter uma lágrima.

— Aqui fala Prostetnic Vógon Jeltz, do Conselho de Planejamento do Hiperespaço Galáctico — prosseguiu a voz. — Como todos vocês certamente já sabem, os planos para o desenvolvimento das regiões periféricas da Galáxia exigem a construção de uma via expressa hiperespacial que passa pelo seu sistema estelar e infelizmente o seu planeta é um dos que terão de ser demolidos. O processo levará pouco menos de dois minutos terrestres. Obrigado.

[...]

— Esta surpresa é injustificável. Todos os planos do projeto, bem como a ordem de demolição, estão em exposição no seu departamento local de planejamento, em Alfa do Centauro, há 50 dos seus anos terrestres, e portanto todos vocês tiveram muito tempo para apresentar qualquer reclamação formal, e agora é tarde demais para criar caso. O sistema de som foi desligado novamente e seu eco foi morrendo por todo o planeta. As naves imensas começaram a virar lentamente no céu, com facilidade. Na parte de baixo de cada nave abriu-se uma escotilha, um quadrado negro vazio.

A esta altura, alguém tinha conseguido ligar um transmissor de rádio, localizar uma frequência e enviar uma mensagem às naves vógons, falando em nome do planeta. Ninguém jamais ouviu o que foi dito, apenas a resposta. O imenso sistema de som voltou a transmitir. A voz estava irritada:

— Como assim, nunca estiveram em Alfa do Centauro? Ora bolas, humanidade, fica só a quatro anos-luz daqui! Desculpem, mas se vocês não se dão ao trabalho de se interessar pelas questões locais, o problema é de vocês. — Após uma pausa, disse: — Energizar os raios demolidores⁴.

Este diálogo termina com a destruição do planeta. Desta forma, se o leitor não se sensibilizou com a situação de Arthur Dent e concordou com a visão de Mr. Prosser sobre a necessidade da destruição de sua casa em prol do bem comum, representado pela construção do desvio, o mesmo deverá, sob pena de incorrer em uma inconsistência lógica, concordar com a justificativa Vógon e, portanto, com a destruição da Terra, colocando-o, necessariamente, no papel de Arthur Dent como “vítima da burocracia”.

A resposta da frota Vógon demonstra a falácia comum utilizada para atacar aquele afetado pela ineficácia dos procedimentos estatais, o desinteresse em buscar a informação. Embora nenhum entrave burocrático real possa constituir uma limitação tão grande quanto viajar quatro anos-luz, consultar documentos em uma repartição pública pode ser tão absurdo quanto visitar outra galáxia para um interessado analfabeto ou completamente alheio aos procedimentos burocráticos, permitindo ao leitor colocar-se em uma perspectiva que provavelmente será diversa da sua e compreender a burocracia sob um referencial de hipossuficiência.

Desta forma, a exigência de interesse por parte do cidadão pode constituir uma limitação tão intransponível quanto visitar o departamento local de planejamento em Alfa do Centauro, especialmente quando aplicado às populações de baixa renda ou baixa escolaridade.

A obra retrata o líder da frota Vógon responsável pela destruição da Terra, Prostetnic Vógon Jeltz, como:

Prostetnic Vógon Jeltz não era bonito de se ver. Nem outros vógons gostavam de olhar para ele. Seu nariz alto e abobadado elevava-se acima de uma testa estreita e porcina. Sua pele verde-escura e borrachuda era grossa o suficiente para permitir-lhe jogar — e bem — o jogo da política do funcionalismo público vógon, e tão resistente à

⁴ Id., ib.

água que lhe permitia sobreviver por períodos indefinidamente longos no fundo do mar a profundidades de 300 metros, sem qualquer efeito negativo.

O que não significa que ele sequer houvesse nadado algum dia, é claro. Não tinha tempo para isso. Ele era do jeito que era porque, há bilhões de anos, quando os vógons pela primeira vez saíram dos mares primevos da Vògsfera e foram arfar nas praias virgens do planeta, quando os primeiros raios do jovem e forte Vogsol os atingiu naquela manhã, foi como se as forças da evolução houvessem simplesmente desistido deles, virado para o outro lado, cheias de aversão, considerando-os um erro infeliz e repulsivo. Nunca mais os vógons evoluíram: não deviam sequer ter sobrevivido.

Se sobreviveram, isto se deveu à teimosia e à força de vontade dessas criaturas de raciocínio preguiçoso. Evolução?, pensavam elas. Evolução pra quê? E o que a natureza se recusou a fazer por eles ficou por isso mesmo, até que pudessem consentar as grosseiras inconveniências anatômicas através da cirurgia”⁵.

Prostetnic constitui o retrato do burocrata de Douglas Adams, uma criatura grosseira, irritadiça que procura desculpas para se zangar e gritar com seus subordinados. Da mesma forma não é inteligente e realiza cegamente os procedimentos por mais irracionais que estes sejam. Conforme o autor, os Vógons são “criaturas burras, de pensamento curto, cérebros de lesma, e pensar não é exatamente algo para que tenham aptidão especial”⁶.

O desinteresse dos Vógons pela evolução demonstra o caráter antiquado do aparato burocrático, incapaz de incorporar novas tecnologias e aprimorar seus procedimentos, que seguem inalterados e ineficientes. Deste modo o funcionário público (Prostetnic) constitui um ser atrasado, preso aos procedimentos clássicos e sem interesse em aprender novas técnicas, acomodado ao seu cargo e descomprometido com a qualidade do serviço prestado.

Em contraste à imagem do Vógon, seu platena, a Vògsfera, é habitado por animais esteticamente agradáveis, com arvores altas e esguias e criaturas elegantes similares a gazelas que os Vógons capturam para sentar em cima. Estas gazelas não constituem um meio de transporte, uma vez que suas espinhas se partem

⁵ Id., ib.

⁶ Id., ib.

imediatamente após algum Vógon sentar sobre elas, mas eles permaneciam a fazê-lo sem motivo aparente, apenas pelo habito de sentar sobre as criaturas, deixando claro a teimosia do burocrata, por realizar atos sem sentido e danosos sem um motivo aparente além de seu próprio habito ou, até mesmo, sadismo.

Portanto, os Vógons representam a imagem do serviço público, definindo-se sua retidão moral como:

Diz-se que os vógons não estão acima de um pouco de suborno e corrupção da mesma forma que o mar não está acima das nuvens, o que era certamente verdadeiro no caso dele. Quando ouvia expressões como "integridade" ou "retidão moral", corria para o dicionário, e quando ouvia o tilintar de dinheiro fácil em grande quantidade corria para o livro de regras e o jogava no lixo⁷.

Esta correlação entre a imagem do povo Vógon e o servidor público, ou o burocrata, constitui uma das principais características de Douglas Adams, que emprega paródias satíricas para retratar a humanidade de uma forma exageradamente clara sem ofender diretamente aqueles criticados por sua obra⁸.

A definição trazida pelo Guia do Mochileiro das Galaxias para a Frota de Construção Vógon retrata a ineficácia do povo Vógon em realizar tarefas simples e urgentes em prazo hábil:

Frota de Construção Vógon. Você quer pegar carona com vógons? Pode desistir. Trata-se de uma das raças mais desagradáveis da Galáxia. Não chegam a ser malévolos, mas são mal-humorados, burocráticos, intrometidos e insensíveis. Seriam incapazes de levantar um dedo para salvarem suas próprias avós da Terrível Besta Voraz de Traal sem antes receberem ordens expressas através de um formulário em três vias, enviá-lo, devolvê-lo, pedi-lo de volta, perdê-lo, encontrá-lo de novo, abrir um inquérito a respeito, perdê-lo de novo e finalmente deixá-lo três meses sob um monte de turfa, para depois reciclá-lo como papel para acender fogo.

⁷ Id., ib.

⁸ COLFF, M. A. V. D. Douglas Adams: Analysing the Absurd. *University of Pretoria*, 2007. Disponível em: <<http://upetd.up.ac.za/thesis/available/etd-08212008-183816/unrestricted/dissertation.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2014.

A melhor maneira de conseguir que um vógon lhe arranje um drinque é enfiar o dedo na garganta dele, e a melhor maneira de irritá-lo é alimentar a Terrível Besta Voraz de Traal com a avó dele⁹.

Ao utilizar de efeito patético forçado, o autor da ênfase ao absurdo da burocracia Vógon. O procedimento exagerado a torna ineficaz à finalidade almejada, o que transcende a literatura, uma vez que é comum a tutela judicial ou administrativa ser tornada ineficaz pela morosidade do procedimento que a antecede.

Assim, os Vógons constituem a “espinha dorsal do funcionalismo público da Galáxia”¹⁰, uma raça capaz apenas de seguir o procedimento que possui uma inexplicável fascinação por irritar-se e gritar por qualquer motivo.

3 A POLÍTICA E A JUSTIÇA GALÁCTICAS

Douglas Adams, ao retratar o universo a partir de características humanas, aborda, talvez inconscientemente, a todos os aspectos do Estado. Sua obra inicia criticando a burocracia terrestre para partir a uma crítica à burocracia galáctica e deste ponto constrói sua perspectiva do sistema presidencialista e do poder judiciário.

Na obra Zaphod Beeblebrox, presidente do império intergaláctico, é retratado como um aventureiro, ex-hippie, *bon vivant*, “trambiqueiro”, maníaco por autopromoção e frequentemente considerado um doido varrido. O cargo de presidente do império se tornaria possível em função do último membro da família imperial estar congelado em coma há séculos, sendo a galáxia governada por uma assembleia eleita chefiada por um presidente eleito com ela. Um sistema político semelhante ao parlamentarismo inglês.

Desta forma, o presidente constitui apenas uma figura pública, sem poder para realizar qualquer ato de governo, constituindo sua única qualidade relevante, possuir um “sutil talento para provocar indignação”. A real função do presidente estaria em

⁹ ADAMS, op. cit.

¹⁰ Id., ib.

desviar a atenção do poder, permitindo a atuação daqueles que realmente governam a galáxia, uma espécie de marionete política:

Na verdade, não é aí que está o poder, em absoluto. O presidente, em particular, é simplesmente uma figura pública: não detém nenhum poder. Ele é aparentemente escolhido pelo governo, mas as qualidades que ele deve exibir nada têm a ver com liderança. Ele deve é possuir um sutil talento para provocar indignação. Por esse motivo, o presidente é sempre uma figura polêmica, sempre uma personalidade irritante, porém fascinante ao mesmo tempo. Não cabe a ele exercer o poder, e sim desviar a atenção do poder. Com base nesses critérios, Zaphod Beeblebrox é um dos melhores presidentes que a Galáxia já teve — pois já passou dois dos dez anos de seu mandato na cadeia, condenado por fraude. Pouquíssimas pessoas sabem que o presidente e o governo praticamente não têm nenhum poder, e, dessas pouquíssimas pessoas, apenas seis sabem onde é, de fato, exercido o verdadeiro poder político. A maioria das outras está convencida de que, em última instância, o poder é exercido por um computador. Elas não poderiam estar mais erradas¹¹.

Zaphod Beeblebox retrata o político inapropriado para exercer o seu cargo, tendo sido eleito por motivos alheios à sua competência política ou senso de moralidade. A eleição de Zaphod se deu por sua polêmica e popularidade, algo oportuno para um cargo que visa puramente distrair as massas, desta forma Zaphod é o político astro da televisão ou jogador de futebol no Brasil, constituindo um mecanismo de simples distração e demonstrando a imaturidade política do homem médio.

O guia do mochileiro das galáxias constitui o compêndio absoluto em qualquer assunto galáctico, seu conteúdo é tão inquestionável que em um conflito entre as informações contidas no Guia e a realidade, é a realidade que está incorreta por não adequar-se ao estabelecido livro. Esta arrogância dos editores do Guia é análoga à arrogância do legislador, editando leis que não se adequam à realidade ou às aspirações do povo e determinando o seu cumprimento, de nada servindo a justificativa de seu desuso ou de sua inadequação com a realidade.

Estes absurdos acabam então sendo confirmados pelas cortes, resultando em decisões irreais ao aplicar a lógica positivista. Conforme ilustrado por Douglas Adams:

¹¹ Id., ib.

Era esse o âmago do que dizia o aviso. Ele dizia: ‘O Guia é definitivo. A realidade é frequentemente incorreta’. Isso tem levado a conseqüências interessantes. Por exemplo, quando os editores do Guia foram processados pelas famílias daqueles que tinham morrido em resultado de terem tomado literalmente o verbete sobre o planeta Traal (dizia: ‘As Feras Vorazes Paponas frequentemente fazem uma boa refeição para os turistas visitantes’ em vez de ‘As Feras Vorazes Paponas frequentemente fazem uma boa refeição dos turistas visitantes’), eles alegaram que a primeira versão da frase era esteticamente mais agradável, intimaram um poeta qualificado para declarar sob juramento que beleza é verdade e verdade é beleza e esperaram assim provar que a parte culpada no caso era a própria Vida por deixar de ser tanto bela quanto verdadeira. Os juizes concordaram, e num discurso comovente sustentaram que a própria Vida era um desacato àquele tribunal e confiscaram-na prontamente de todos os presentes antes de saírem para uma agradável partida de ultragolfe ao cair da noite¹².

O argumento da beleza é a tese jurídica absurda aplicada por uma grande corporação para proteger seus interesses enquanto a decisão dos juizes de confiscar a vida dos presentes representa o poder ilimitado do magistrado, determinando a adequação da própria vida ao procedimento, para que seja bela e verdadeira e não apenas um ou outro.

Em seguida a partida de ultragolfe demonstra o descaso com as conseqüências da decisão, constituindo apenas “mais um dia de trabalho” para o magistrado, despreocupado com a morte das vítimas ou o destino daqueles que tiveram suas vidas confiscadas.

Esta passagem permite vislumbrar as conseqüências da jusfilosofia demasiadamente abstrata, distanciando o Direito da realidade de forma a justificar qualquer decisão por mais absurda que seja, adequando a realidade, de forma *ad hoc*, ao direito e ignorando as conseqüências práticas da decisão.

¹² Id., ib.

4 42, A RESPOSTA PARA A VIDA, O UNIVERSO E TUDO MAIS

Qualquer trabalho sobre *O guia do mochileiro das galáxias* seria incompleto sem abordar o emblemático significado para a vida, o universo e tudo mais. Na construção literária de Douglas Adams a humanidade constitui a terceira espécie mais inteligente da Terra, atrás dos ratos e dos golfinhos respectivamente.

Isso ocorre pois o planeta Terra trata-se de um experimento gigantesco construído por uma raça interdimensional (representada pelos ratos) para compreender a pergunta fundamental da vida, que tem início quando um grupo de cientistas desta raça constrói um computador gigantesco, do tamanho de uma grande cidade, chamado Pensador Profundo, para calcular a resposta para a vida, o universo e tudo mais.

Este computador, após sete milhões e quinhentos mil anos, terminou de calcular a resposta, apresentando-a: 42. Ao ser indagado sobre a resposta inconclusiva, o computador justifica:

- Eu verifiquei cuidadosamente - disse o computador - , e não há dúvida de que a resposta é essa.
Para ser franco, acho que o problema é que vocês jamais souberam qual é a pergunta.
- Mas era a Grande Pergunta! A Questão Fundamental da Vida, o Universo e Tudo o Mais - gritou Loonquawl.
- É - disse Pensador Profundo, com um tom de voz de quem tem enorme paciência para aturar pessoas estúpidas - , mas qual é exatamente a pergunta?
Um silêncio de estupefação aos poucos dominou os homens, que olharam para o computador e depois se entreolharam.
- Bem, você sabe, é simplesmente tudo... tudo... - começou Phouchg, vacilante.
- Pois é! - disse Pensador Profundo. - Assim, quando vocês souberem qual é exatamente a pergunta, vocês saberão o que significa a resposta.
- Genial - sussurrou Phouchg, jogando o caderno para o lado e enxugando uma pequena lágrima.
- Está bem, está bem - disse Loonquawl. - Será que dava pra você nos dizer qual é a pergunta?
- A Pergunta Fundamental? - É!
- Sobre a Vida, o Universo e Tudo o Mais? - Pensador Profundo pensou um pouco.
- Essa é fogo - disse ele.
- Mas você pode descobri-la? - perguntou Loonquawl. Pensador Profundo ponderou a questão por mais algum tempo.

- Não – respondeu por fim, com firmeza.
- Os dois homens caíram sentados, em desespero.
- Mas eu lhes digo quem pode – disse o computador. Os dois levantaram a vista de repente¹³.

A resposta, 42, demonstra o fim almejado, entretanto o grande erro desta espécie foi sua incapacidade de definir o meio para atingi-lo, tornando o fim inútil e incompreensível. O mesmo ocorre na burocracia, o fim é claro, entretanto o meio para atingi-lo é obscuro, constituindo este o real obstáculo para a realização do ato.

Desta forma, há uma inversão de valores ao se construir meios burocráticos restritivos que impossibilitam a finalidade almejada pelo procedimento. Torna-se assim o procedimento uma contradição, uma vez que este é o meio para se atingir um fim, mas também constitui o mecanismo que impossibilita ou dificulta demasiadamente a obtenção desta finalidade.

Assim como no significado da vida, a finalidade é muito mais simples de ser constatada do que o procedimento que resultará nesta finalidade. Este constitui o grande ponto central a ser estudado: Qual é o procedimento mais eficaz e coerente para se atingir a finalidade almejada? Este, assim como a pergunta que antecede o 42, constitui o grande desafio das ciências jurídicas, apenas sabemos que o procedimento atual é incapaz de suprir nossas expectativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Douglas Adams, ao construir a galáxia, extrapola a humanidade. Suas raças fictícias representam cada aspecto da vida humana, salientando suas características e inconsistências ao remover o elo que une os grupos sociais, a própria humanidade.

Ao observar o homem desta forma, sem que este seja um homem, é permitido que o leitor vislumbre, de uma forma imparcial, o papel de cada um destes grupos sociais e as características que os definem. Esta ótica permite compreender a burocracia pura, sem o fator humano que a permeia, impossibilitando a identificação do leitor com o

¹³ Id., ib.

burocrata da mesma forma que o hipossuficiente se vê em relação ao agente público burocrata.

Na relação de poder político exercida pelo aparato público o cidadão comum é completamente incapaz e ignorante frente ao agente estatal. O idioma do burocrata, altamente técnico e jurídico, é tão alienígena quanto o idioma Vógon para a maioria da sociedade. Da mesma forma, a cultura burocrática constitui uma barreira de compreensão e sensibilidade entre o agente burocrático, aquele afetado pela ação e o *stakeholder*, impedindo que o primeiro entenda a ação e o motivo por traz dela e que o segundo seja capaz vislumbrar a cadeia de causalidade que decorrerá do ato burocrático, resultando na ineficácia ou uma sensação de ineficácia do Estado.

Portanto, para o cidadão, o burocrata e a burocracia são tão alienígenas quanto o Vógon. O burocrata, por outro lado, vê o cidadão sob a perspectiva do Vógon, olhando de cima para a humanidade primitiva e justificando seus atos no desinteresse da parte prejudicada em participar do procedimento burocrático, ignorando as barreiras intransponíveis que o circulam.

Inverte-se, desta forma, os fins e os meios. O burocrata preocupa-se apenas com o meio (procedimento) e este acaba se tornando mais complexo e trabalhoso que o fim almejado.